

A SEDUÇÃO DA VIDA CONTEMPLATIVA

Maria Clara Lucchetti Bingemer

No dia 11 de julho a Igreja Católica celebra a festa de São Bento. Bento de Núrcia foi praticamente o grande pioneiro da vida monástica, ou vida dedicada somente à contemplação, em comunidade. Os monges beneditinos são pessoas que deixam tudo para trás a fim de se dedicarem totalmente, em mosteiros situados às vezes no centro das cidades modernas, à oração e à contemplação.

O que chama a nossa atenção não é tanto o fato de que ainda existam os mosteiros e os religiosos beneditinos em pleno século XXI. A mentalidade moderna valoriza e destaca valores completamente diversos daqueles que inspiraram e inspiram Bento de Núrcia e seus seguidores: a eficácia, a produtividade, a riqueza e o sucesso. O que espanta e deixa perplexo, no entanto, é que as vocações para uma vida com esse nível de exigência - oração em silêncio durante todo o dia, trabalho manual, celibato consagrado, vida em comunidade - estejam aumentando em lugar de acabar. O que admira é que haja novamente jovens batendo à porta dos mosteiros masculinos e femininos buscando uma consagração nas ordens religiosas contemplativas.

É verdade que quem descobriu em profundidade a Deus, quem fez a experiência amorosa e apaixonante do seu mistério não vê com nenhuma estranheza o fato de que pessoas de ambos os sexos, em sua maioria jovens, desejem dedicar-se a Ele a tempo completo. Foram seduzidos por Alguém que os amou com amor infinito e desejam passar o resto de suas vidas em comunhão com esse Amado.

É um fato que o eros divino se apresenta sempre como mais forte que o ser humano, vencendo suas resistências e se impondo por sua majestade. Sob o toque ao mesmo tempo suave e violento de seu amor, o profeta inclina a nuca e se rende, exclamando: "Tu me seduziste, Senhor e eu me deixei seduzir. Foste mais forte que eu e me venceste!" (Jr 20,7). E, sob sua liderança, a esposa infiel retorna sobre seus passos, abandona seus amantes e se deixa docilmente conduzir ao deserto, à nudez e ao despojamento do primeiro amor da juventude. (cf. Os 2,16ss)

Deus é, porém, para aquele ou aquela que atrai a Si mesmo, objeto de desejo e não de necessidade; da ordem do gratuito e não do necessário, do inteligível, do controlável. Incomparável e sem similitude com o que se convencionou chamar "as necessidades básicas" do ser humano: comer, beber e tudo aquilo sem o qual a vida biológica desfalece e morre.

E apesar de sua "inutilidade", ontem como hoje, o eros divino continua a ter sobre a totalidade do humano - corporeidade animada pelo espírito - um poder de atração e sedução que desperta o desejo até o paroxismo, podendo levar aos despojamentos mais radicais e às renúncias mais heróicas, em nome da possibilidade entrevista e pressentida de participar de sua vida divina e experimentar a união proposta por Ele, mesmo que apenas durante um minuto.

Deus é "inútil", nada acrescentando à vida biológica. Não promete sucesso, longevidade nem prazer sensível. Ao contrário, exige para entregar-se, o despojamento dos bens mais sensíveis e palpáveis e mesmo das ligações mais legítimas do coração humano (familiares, de amizade, etc.) E não admite nem mesmo ser ultrapassado por nenhuma outra realidade, sob pena de não se deixar atingir enquanto Absoluto.

E apesar de suas terríveis exigências, hoje como sempre, nos encontramos ainda com pessoas capazes de passar horas e horas de seu tempo em cultos, celebrações e cerimônias de louvor; pessoas capazes de , em nome de sua fé nesse Deus "inútil", entregar suas vidas num sacrifício que faz tremer nossos corpos e mentes modernizados e ávidos de conforto e consumo; pessoas capazes de ir ao encontro da morte em estado de feliz exaltação e considerar como uma graça imensa ser despojadas de tudo que faz a doçura, o conforto, o bem-estar da vida humana por amor a este "invisível" e "inútil" objeto de desejo.

São pessoas, na verdade, dispostas a canalizar todo o seu potencial afetivo e a quase totalidade de seu tempo, energias, criatividade e recursos nos rituais religiosos, cantando hinos de louvor, participando de assembléias onde a oração coletiva toma longas horas e não tem outro objetivo senão o louvor puro e simples a Deus; ou prostrando-se durante horas intermináveis, em contemplação diante do tabernáculo; ou ruminando longamente algum versículo da Bíblia, uma pequena oração ou os cinco mistérios do rosário.

O que é certo é que homens e mulheres de hoje, como os de todo tempo, continuam a experimentar o drama de sentir-se limitados e frágeis e, no entanto, feitos para a união com o Sem-limites. E, no fundo mais profundo de si próprios, se percebem habitados pelo desejo ardente e incontrolável de entrar em comunhão com esta incompreensível realidade que se chama Deus e que se revelou a Si mesmo como amor. O amor passa, então , a governar suas vidas e a transformá-las segundo a inexorabilidade e a radicalidade de Sua vontade.

Foi a esse chamado que respondeu Bento de Núrcia. E, seguindo seu exemplo, ontem como hoje, homens e mulheres de todas as latitudes continuam respondendo a esse mesmo chamado:: radicalmente, plenamente, acreditando que na vida contemplativa, ou seja, no permanente diálogo amoroso com o Deus que os criou e que os recria a cada momento encontrarão a felicidade que o mundo promete por vias tão diferentes.